

O CLUBE DOS CINCO: um espelho para a construção da identidade

THE FIVE CLUB: a mirror for the construction of identity

Flávio de Sousa SANTOS ¹

Ivan Carlo Andrade de OLIVEIRA ²

¹ Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). E-mail: sousf61@gmail.com. ORCID: 0009-0003-4648-4573.

² Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). E-mail: profivancarlo@gmail.com. ORCID: 0000-0002-5471-1807.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo examinar como a geração dos anos 80 foi retratada por John Hughes no filme Clube dos Cinco (The Breakfast Club, 1985). Para esta análise, utilizarei a perspectiva dos estudos culturais, com base nos livros "A Identidade Cultural na Pós-modernidade" de Stuart Hall e "Modernidade Líquida" de Zygmunt Bauman, além do artigo "Escola dos anos 80: John Hughes e a romantização capitalista da adolescência". Por meio dessa análise, buscaremos compreender as idealizações sociais que o diretor apresenta através dos personagens desta obra emblemática.

PALAVRAS-CHAVES: John Hughes; representação social; adolescência; estereótipos; geração dos anos 80.

ABSTRACT

This work aims to examine how the 80s generation was portrayed by John Hughes in the film The Breakfast Club, 1985. For this analysis, I will use the perspective of cultural studies, based on the books "Cultural Identity in Postmodernity" by Stuart Hall and "Liquid Modernity" by Zygmunt Bauman, in addition to the article "School of the 80s: John Hughes and romanticization capitalist of adolescence". Through this analysis, we will seek to understand the social idealizations that the director presents through the characters of this emblematic work.

KEYWORDS: John Hughes; social representation; adolescence; stereotypes; 80s generation.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Um dos grandes clássicos dos anos 80, o filme *Clube dos Cinco*, lançado em 1985, apresenta para o telespectador o universo adolescente na sua forma mais estereotipada, como destaca o cineasta John Hughes nas suas obras cinematográficas, assim possibilita para o telespectador uma possível “identificação” com o produto.

O filme *Clube dos Cinco* é um verdadeiro marco na história do cinema, e seu impacto é atribuído à brilhante mente de John Hughes, um cineasta renomado dos anos 80. Hughes habilmente captura as ansiedades e dilemas enfrentados pelos jovens, explorando a essência de ser adolescente dentro das estruturas sociais. Seu trabalho vai além, mergulhando nas dinâmicas familiares e sociais, revelando as falhas e contradições que moldam a vida dos personagens. O *Clube dos Cinco* não apenas aborda questões de identidade, mas também oferece uma visão autêntica e crua da experiência adolescente.

Trataremos o filme como um objeto que apresenta a identidade em construção para o telespectador, baseado em narrativas durante o longa, pois seus personagens “foram essenciais para representar partes de uma essência cultural, social e pessoal, sendo capazes de compreender situações para torná-los sujeitos capazes de produzir significância em suas ações e identificar sua individualidade diante da sociedade a partir da junção de fatores externos” (Bittencourt, 2018. p.2).

Hall (1992) destaca diversos aspectos da identidade humana em tempos de convergência, mencionando uma combinação de experiências e sensações acumuladas ao longo do tempo. Isso contribui para a formação de uma identidade fragmentada, construída de forma única, fazendo com que o indivíduo se torne um ser de muitos lugares. Esse conceito se aplica aos personagens do filme, pois ao longo da trama, os cinco adolescentes descobrem formas de agir, ser e pensar.

Nesta pesquisa, utilizaremos uma variedade de autores de diferentes áreas de estudo que trataremos para a discussão sobre a sociedade moderna, identidade, cinema, aspectos visuais e suas representações a partir de experiências coletivas, permitindo a produção de significados e a dinamização da cultura em constante transformação e suas consequências no ser humano.

Este artigo tem como objetivo realizar uma análise do filme *Clube dos Cinco* com apoio nos estudos culturais. Como base principal para analisar este filme, optou-se pelos estudos de autores como: Zygmunt Bauman com seu conceito sobre *Modernidade Líquida* (2000), Stuart Hall sobre sua perspectiva com a *Identidade Cultural na Pós-Modernidade* (1992) e estudos dos

autores César Cundari, Lennita Oliveira e Marcelo Francisco (2012) com suas pesquisas sobre a visão “romântica” do diretor John Hughes sobre a adolescência nos anos 80.

Para a pesquisa, o estudo de caso e a análise de conteúdo são essenciais para examinar o filme em sua totalidade. Essa abordagem permitirá explorar todos os aspectos relacionados ao comportamento, identidade e temas abordados ao longo da narrativa. Através dessa análise, será possível identificar exemplos claros do propósito de John Hughes com sua obra moderna.

Através do estudo de caso, buscamos verificar se a construção de um personagem fictício na mídia pode se tornar representativa das questões problemáticas que surgem na sociedade real em que a história está inserida. Especificamente, queremos analisar como essa representação reflete a sociedade dos anos 80.

Além disso, utilizaremos uma análise de conteúdo qualitativa para esclarecer as motivações e problemáticas dos personagens retratados em *Clube dos Cinco*. O objetivo é compreender as singularidades do objeto de estudo, mergulhando nas perspectivas dos estudos culturais para abordar os aspectos sobre identidade a partir da pesquisa qualitativa.

Este artigo irá explorar como o espaço social, a identidade pessoal e a influência cultural se entrelaçam para formar a identidade do homem moderno, especificamente dentro do contexto do filme. Começamos a proposta explorando as características únicas presentes nos filmes de John Hughes e sua famosa fórmula em retratar a vida em seus produtos audiovisuais, permitindo-nos entender como certos padrões narrativos se repetem ao longo de suas obras.

A importância deste estudo é compreender como o filme *Clube dos Cinco* emprega narrativas únicas para abordar questões sociais contemporâneas, como a construção da identidade na modernidade. O trabalho se concentrará na análise de situações específicas, onde são abordadas questões cruciais para entendermos a proposta da trama, especialmente os diálogos internos e as críticas envolvendo os personagens que servem como um símbolos presentes no filme.

JOHN HUGHES E A ESSÊNCIA DOS ANOS 80

Diretor, produtor e roteirista estadunidense, John Hughes é um dos mais conhecidos cineastas na indústria cinematográfica e considerado o Beethoven dos jovens americanos, pois foi responsável por grandes clássicos lançados durante a década de 80.

Hughes começou sua carreira na década de setenta, escrevendo para várias revistas, em especial a “National Lampoon”, uma criativa e ousada revista com textos subversivos que era popularmente conhecida nos Estados Unidos. Em seguida, em uma de suas edições mais

conhecidas, Hughes escreveu na manchete da revista “se você não comprar esta revista, iremos matar este cachorro” (Caruso, 2019).

A publicação ganhou popularidade e chegou aos cinemas no início dos anos oitenta, com John Hughes responsável pelo roteiro do projeto. O filme "Férias Frustradas" (National Lampoon's Vacation, de 1983) foi um enorme sucesso global, gerando outras duas sequências: "Férias Frustradas na Europa" e "Férias Frustradas de Natal" (Caruso, 2019).

Em seguida, nos anos 80, ele dirigiu e roteirizou uma série de três filmes emblemáticos que retratam a vida cotidiana de jovens adolescentes, com temáticas centrais como conflitos internos, construção de identidade e questionamentos sobre o ambiente social. Portanto, “a influência marcante que sua obra exerce até hoje são indicadores da originalidade de Hughes em dar vazão cinematográfica às questões juvenis, reconstruindo não apenas uma agenda pública semipermanente como um padrão imagético/sonoro” (Cundari; Oliveira; Francisco, 2012, p. 2).

Em 1984, o diretor dirigiu seu primeiro projeto, “Gatinhas e Gatões” (Sixteen Candles). A trama é pioneira na sua famosa fórmula de retratar o cotidiano adolescente. Em resumo, o longa conta a história de Samantha (Molly Ringwald) uma adolescente que teve seu aniversário de 16 anos esquecido por sua família e apaixonada pelo “garoto popular” (Michael Schoeffling) da escola. Deste modo, Hughes abusa de estereótipos durante o filme, apresentando o seu estilo “único” de contar histórias para os telespectadores.

Jeliel (2021) ressalta que a personagem principal vive um drama interno pela negligência de sua família com uma data importante, seu aniversário de 16 anos, e na cultura americana, o adolescente se torna “maior de idade”. Esta perspectiva quebra com o imaginário de compromisso idealizado pela protagonista, e de alguma forma, quando se é adulto, você “não importa mais”.

Portanto, para John Hughes, a falta de atenção durante a transição da adolescência para a vida adulta pode levar a uma sensação de frustração em relação ao desejo de prolongar a experiência da adolescência. Embora seja um drama trivial, ainda é válido. O diretor abordou esses temas com o mesmo humor encontrado em seus filmes, mas isso pareceu reduzir sua eficácia de forma significativa (Jeliel, 2021).

No ano seguinte, em 1985, o diretor escreveu em apenas dois dias o roteiro do seu filme mais importante, o conhecido e reprisado diariamente na sessão da tarde, Clube dos Cinco (The Breakfast Club), (Caruso, 2019). No filme, Hughes não evita a existência dos estereótipos (o

que é muito utilizado durante suas obras), no entanto, os expõe da maneira mais atrativa para depois e aos poucos, desconstruí-los.

Em primeiro plano, a trama apresenta para os telespectadores o universo adolescente, exibido no ponto de vista dos jovens, provenientes de diferentes grupos sociais e com estereótipos associados a eles, que são capazes de se relacionar e compreender as experiências uns dos outros, revelando que, apesar das diferenças, todos têm problemas e preocupações semelhantes.

Na sequência, em 1986, foi lançado *Curtindo a Vida Adoidado* (Ferris Bueller's Day Off) que nos apresenta um dia na vida do sagaz Ferris Bueller (Matthew Broderick), um adolescente popular e, neste filme, Hughes brinca com o imaginário do telespectador. Ferris é o garoto que todos desejam ser e ter sua vida, o filme se passa na perspectiva do “descolado”.

De acordo com Jeliel (2021), o que atraiu as pessoas no trabalho de Hughes foi seu olhar realista, mostrando a essência da adolescência, ressaltado na sua fórmula única de contar história e produzir filmes. Basicamente, são os estereótipos bem trabalhados em enredos por meio de uma “troca de desejos idealizados”. Afinal, o cineasta acreditava no sonho adolescente, isso o conecta fortemente com o público dos anos 80. O diretor normaliza conflitos sociais vivenciados por jovens, focados em estereótipos, e manifesta em obras cinematográficas que gira em torno desses jovens, sonhando em trocar seu papel social, ou no mínimo, desejar um outro que não os pertence.

Neste sentido, John Hughes sabe idealizar com maestria essa atmosfera “brega”, fácil de se envolver, principalmente se você é jovem, porque o diretor compreende que, no fundo, todos os jovens enfrentam os mesmos dilemas de busca por identidade, impulsionados pela pressão do tempo para crescer e pela incerteza de aproveitar ou não aquele momento único. Ele reconhece essa realidade (Jeliel, 2021).

Portanto, esses três filmes de John Hughes estão relacionados ao sonho adolescente em “ser e agir” exibidos em estereótipos. Em *Gatinhas e Gatões*, os personagens sonham em mudar suas posições sociais, querendo ser outras pessoas, em *O Clube dos Cinco*, esses estereótipos sonham em conseguir se unir em harmonia, e em *Curtindo a Vida Adoidado*, os estereótipos se unem em uma pessoa: Ferris Bueller (Jeliel, 2021).

No mesmo pensamento, Bauman (2000) diz em seu livro *Modernidade Líquida* que a modernidade ilustra a fluidez das identidades e das relações na sociedade contemporânea, bem como as pressões de individualização enfrentadas pelos jovens. Os filmes de John Hughes podem ser vistos como um microcosmo da modernidade líquida, onde os personagens navegam pela incerteza e complexidade de suas próprias vidas e relacionamentos.

Do mesmo modo, Cundari et al (2012) aponta que os filmes de John Hughes são populares por justamente mostrar uma forma de ser jovem, comunicando didaticamente com os jovens, e mostrando que é um estilo de vida conectado ao campo no qual estão envolvidos a estética, formas de ser, de agir e pensar. Os personagens foram apresentados como forma de expressão pessoal hedonista. Nesse sentido, a narrativa dos filmes pode ser pensada enquanto discurso que produz significantes, imagéticos, performáticos e sonoros.

Na mesma linha de raciocínio, em *À Tela Global: Mídias Culturais e Cinema na Era Hipermoderna*, os filósofos Lipovetsky e Serroy (2009), apontam que as relações humanas com produtos culturais estão cada vez mais midiaticizadas pela utilização da estética na comunicação, visto que as principais ferramentas utilizadas pelo diretor são signos, como informação, comunicação e uso da imagem como forma de expressão social.

Segundo Cundari et al (2012) O cinema constroi uma imagem de como ser jovem, e com essa forma de representação, constroi signos, elementos e formas, criando uma “auto identificação” do indivíduo (telespectador) sobre o produto. John Hughes percebeu os “distúrbios” da geração dos anos 80 e as “expressou” para o público, utilizando da estética como reflexão e capacidade de aproximar as diferenças.

No livro *Compreender o Cinema*, Costa (1987) apresenta uma visão sobre a indústria cinematográfica que segundo o autor, busca cativar afetivamente os indivíduos com histórias comuns, cotidianas e rotineiras com temas que retratam o ambiente social com filmes que envolve o telespectador com enredos profundos para se identificar, emocionar e “sentir-se momentaneamente dentro da trama”.

Por outra perspectiva, Hall (1992) em seu livro *A identidade Cultural na Pós-Modernidade*, o autor diz que a identidade “se dá principalmente por aquilo que carece no indivíduo e é suprido de preferência por tudo que o circunda, e em segundo plano por aquilo que está no interior do sujeito” (Hall, 1992, p. 27). Na pós-modernidade é possível se comunicar com o ausente, rompendo barreiras e estabelecendo pontes que dão acesso a variadas culturas e combinadas identidades. Para o autor, o espaço onde os indivíduos se relacionam são coordenadas básicas de todo um sistema de representação como a escrita, a arte, o desenho, filmes e entre outras manifestações culturais de identidade.

Nesse sentido, a percepção do que é prioritariamente explorado por John Hughes em *Clube dos Cinco* expõe uma concepção fundamental para entendermos os elementos na interpretação de sua dinâmica cinematográfica, porque o cineasta mostra uma cultura social americana baseada em estereótipos e, além disso, humaniza a perspectiva oitentista da adolescência através de suas obras cinematográficas.

FICÇÃO COMO FORMA DE REPRESENTAÇÃO SOCIAL

Sobretudo, Clube dos Cinco aborda questões de identidade, classe social, gênero e raça, e como essas questões são construídas e contestadas através das interações entre os personagens. Afinal, poderia destacar como o filme reflete as tensões e ambiguidades da pós-modernidade, incluindo a fragmentação da identidade e a desilusão com as instituições tradicionais.

A geração de jovens dos anos 80, que vive agora a meia idade, foi a geração de pessoas que sentiram a angústia “sobre ser adolescente” numa época marcada por ideologias explícitas (ou por sua falta), enfrentando diariamente questionamentos sem respostas numa realidade que idealizou os mais utópicos ideais, por exemplo, de poderem escolher serem livres e construir a sua “identidade”, no ambiente familiar, escolar e social.

Para Hall (1992) existe uma certa complexidade da sociedade na pós-modernidade, complexidade das identidades culturais, a fluidez das fronteiras entre o local e o global, e a influência dos meios de comunicação na construção de significados e identidades. O autor enfatiza a importância da interseccionalidade e da diversidade cultural na compreensão da sociedade contemporânea.

Outro fator fundamental citado por Hall (1992), são as representações que carregam significados culturais e ideológicos específicos. Nesse sentido, os personagens representados nos filmes de John Hughes não são meramente representativos e desafiam certos estereótipos sociais, o que pode revelar as tensões e contradições dentro da cultura juvenil dos anos 80.

Por outra perspectiva, Bauman (2000) caracteriza a modernidade líquida como um período em que as estruturas sociais e identidades são menos estáveis e mais flexíveis em comparação com a modernidade sólida. Na modernidade líquida, as relações são mais transitórias e as pessoas enfrentam uma constante necessidade de adaptação.

Contudo, Bauman (2000) diz que na modernidade líquida, as identidades são fluidas e mutáveis. Ao longo do dia de detenção, os personagens começam a ver além desses rótulos, revelando complexidades e vulnerabilidades que refletem a natureza mutável das identidades sociais que permeiam o longa e representam um contexto social datado.

Portanto, Mancelos (2018) explica que estes ideais constroem hierarquias e diferenças entre os jovens, que de alguma forma, criam narrativas que congregam e opõe a juventude ao universo adulto. Deste modo, são explorados temas e argumentos comumente referentes ao modo de ser jovem.

Neste sentido, Cundari et al (2012) mencionam que a indústria cinematográfica expõe

“objetos” que auxiliam na construção da identidade do indivíduo, sendo exploradas questões pertinentes e significativas com histórias que retratam o contexto cotidiano da sociedade.

Por outro lado, no conceito de codificação e decodificação de Hall, os produtores de mídias codificam mensagens em seus produtos, que são “decodificados” pelos espectadores de maneiras que podem variar dependendo de suas próprias experiências sociais e culturais. Portanto, aplicando este conceito ao Clube dos Cinco, o diretor John Hughes codificou certas mensagens sobre identidade, conformidade e rebeldia.

Entretanto, Bauman (2000) argumenta que diferentes espectadores podem decodificar essas mensagens de várias maneiras, alguns podem ver o filme como uma crítica ao sistema educacional e às normas sociais, enquanto outros podem focar na celebração da diversidade e da amizade.

Costa (1987), destaca a importância dos temas e mensagens nos filmes. Clube dos Cinco aborda temas universais como a busca por identidade, a pressão dos pais e as expectativas sociais. A detenção serve como um microcosmo das diferentes pressões enfrentadas pelos adolescentes, permitindo uma exploração profunda dessas questões.

A obra de John Hughes utiliza de maneira eficiente a narrativa, o desenvolvimento de personagens e a exploração temática para criar um filme que ressoa com o público. O diretor consegue capturar a essência das experiências adolescentes, tornando o filme relevante e atemporal.

O REFLEXO DA SOCIEDADE NA NARRATIVA AUDIOVISUAL

Clube dos Cinco acompanha a história de cinco adolescentes de hierarquias sociais, personalidades e estilos de vidas diferentes, que foram “obrigados” a passarem um sábado inteiro de detenção como forma de punição por suas inconseqüências durante a semana de aula.

Às sete da manhã, eles se apresentaram na instituição Shermer High para cumprirem um dia de castigo no sábado de 24 de março de 1984. Os alunos que cumprem a “pena” são conhecidos como “Clube dos Cinco” (Breakfast Club). Esta expressão era utilizada na escola que John Hughes estudou para “designar os estudantes detidos de manhã e à noite por qualquer delito que tivessem cometido” (Mancelos, 2018, p. 4).

A história ocorre na biblioteca da escola, onde os personagens são apresentados como forma de estereótipos. De acordo com Mancelos (2018), o filme apresenta uma certa qualidade dramática, “na concentração do lugar e do tempo, no reduzido número de personagens, nos grupos estereotipados que encarnam e na própria natureza problemática do diálogo” (Mancelos,

2018, p. 4).

Segundo Cundari et al (2012) os personagens individualmente representam um “tipo” facilmente reconhecível pela utilização de signos imagéticos, Claire, a princesa-popular e futura Rainha do Baile, Brian, o nerd com tendências suicidas que destruiu seu armário com um sinalizador, Andrew, o esportista-popular bem sucedido em luta romana, orgulho do pai e do treinador, Bender, o criminoso cuja presença é constante na detenção, e Allison, a excluída socialmente” (Cundari; Oliveira; Francisco, 2012, p. 3).

No entanto, ainda na mesma linha de pensamento, Cundari et al (2012) explica que as diferenças entre os jovens são ressaltadas nos minutos iniciais do filme, quando o cineasta introduz o núcleo social e familiar de cada um dos cinco adolescentes. Os personagens do longa atuam “de acordo com o estereótipo, em sintonia com as expectativas de comportamento: Claire é mimada, Bender é inconveniente, Andy é agressivo, Brian é o nerd e Allison é (muito) estranha” (Cundari; Oliveira; Francisco, 2012, p. 4).

Ao longo do dia, os jovens são “obrigados” a escrever uma redação de mil palavras sobre a sua identidade, um tema significativo na fase da adolescência, mas enunciado de forma provocativa e desrespeitosa pelo vice-diretor, Richard Vernon. O assunto não é “quem você é”, mas “quem você pensa que é”, que legitimidade existe em propor a cinco adolescentes para se definir nesta altura da vida (Mancelos, 2018).

Os atritos entre os cinco personagens transparecem através de clichês e estereótipos linguísticos, e qualquer incerteza sobre a hierarquia social na escola se esvai durante suas conversas. A dinâmica é constantemente alimentada pelas provocações de Bender, que rotula Claire como "princesa" e Andy como "atleta", destacando também a disparidade de classe ao se referir aos populares como "riquinhos". Brian, que tenta acalmar seus colegas para evitar problemas com o diretor, é ironicamente apelidado de "CDF" (Cú de Ferro). Allison, mesmo sem falar, causa estranheza ou risos e, embora não se comunique verbalmente, interage de forma constante, sendo visível apenas para os espectadores (Cundari et al, 2012).

Richard Vernon, o diretor encarregado de supervisionar a detenção, é ironicamente comparado a Barry Manilow (cantor e compositor estadunidense, muito conhecido pelos seus hits dos anos 70) por Bender. Vernon proíbe os cinco “detentos” de conversar, levantar ou dormir, e insiste que a porta da biblioteca que conecta o local da detenção ao seu escritório permaneça aberta. Assim que ele se retira para sua sala, Bender, fiel ao seu papel subversivo, é o primeiro a quebrar as regras e se levantar para falar e agir. No mesmo momento, Bender retira o parafuso da porta, assim mantendo-a fechada, indo contra a vontade do diretor (Cundari et al, 2012).

Incomodados com a situação, os colegas insistem para que Bender conserte a porta. No entanto, quando o diretor chega para investigar, uma espécie de aliança surge entre os jovens. Embora todos saibam quem foi responsável por fechar a porta, ninguém entrega Bender, e alguns até mentem deliberadamente para despistar Vernon. Na presença do diretor/adulto, as divisões se dissipam e as semelhanças entre os jovens se tornam mais evidentes. A ideia recorrente de "nós contra eles" permeia a relação entre jovens e adultos nos filmes de Hughes, nos quais a maioria dos personagens cômicos/jocosos são adultos (e quanto mais distantes da juventude, mais ridículos parecem) (Cundari et al, 2012).

Para Bauman (2000), na modernidade líquida, há uma ênfase crescente na individualização, onde os indivíduos são responsáveis pelo seu próprio sucesso e fracasso. Os adolescentes em Clube dos Cinco sentem intensamente essa pressão para se conformar às expectativas sociais e familiares, enfrentando um dilema entre a necessidade de se encaixar e o desejo de autenticidade.

Em uma cena entre o diretor Vernon e o faxineiro Carl, ambos conversam no porão da escola. Nesta conversa, Vernon enfatiza como foi que os jovens ficaram tão piores do que os de antigamente, no que Carl responde: “não foram eles que mudaram, foi você que mudou”. Vernon desempenha o papel do que Allison mais tarde vai destacar que seja o mal dos adultos, ela diz: “quando nós ficamos velhos nosso coração morre”. Este é o papel de Vernon nesta história, o do adulto em que seu coração morreu. Carl, por sua vez, desempenha o papel do adulto menos patético e que, por conta disto, tem uma relação mais saudável com os adolescentes (Cundari, 2004).

Em Clube dos Cinco, um dos principais assuntos discutidos entre os jovens durante a detenção é exatamente o conflito entre gerações e familiares, conflitos com suas realidades (seus pais). Em um monólogo tenso, Bender questiona o ambiente familiar de Andrew e Brian em comparação com sua realidade infernal. A princípio, o Bender questiona Andy:

Bender: Como é seu relacionamento com seus pais?

Andrew: Se eu disser que sim, é boa, sou um idiota, não é?

Bender: Você seria idiota de qualquer jeito. Se dissesse que sim, estaria mentindo também (Clube dos Cinco, 1985).

Em seguida, o alvo da discussão se torna Brian, e como telespectador, descobrimos o núcleo familiar que o personagem Bender vive:

Bender: Aqui está minha impressão da vida na casa do grande Brian.
Bender: Filho!
Bender: Sim, pai?
Bender: Como vai seu dia, amigo?
Bender: Ótimo, pai, como está o seu?
Bender: Super! Digamos, filho, você gostaria de ir pescar neste fim de semana?
Bender: Ótimo pai, mas eu tenho lição de casa para fazer!
Bender: Tudo bem filho, você consegue, no barco!
Bender: Nossa!!! Querido, nosso filho não é ótimo? Sim, querido, a vida não é ótima?
Andrew: Tudo bem, e sua família?
Bender: Ah, minha?
Andrew: Isso é muito fácil!
Bender se levanta novamente e aponta para frente (como seu pai).
Bender: Estúpido, inútil, nada bom, maldito, aproveitador, filho da puta, retardado, sabe tudo, idiota, idiota! (como sua mãe) Você é feio, preguiçoso e desrespeitoso. (Bender bate a mão para dar um tapa na sua mãe imaginária).
Bender: (como seu pai) Cale a boca, vadia! (Clube dos Cinco, 1985).

A relação dos adolescentes com seus pais é retratada como disfuncional e infeliz. Claire é envolvida nas brigas entre seus pais, Bender sofre abusos em casa, Brian e Andrew enfrentam pressões para se destacarem (um nos estudos, o outro no esporte), e Allison é simplesmente ignorada. Apesar das diferenças entre eles, há um consenso de que “a vida familiar de todo mundo é insatisfatória”. Como evidenciado em uma conversa entre Bender e Brian, os adolescentes expressam suas frustrações com os adultos:

Brian: Eu também não gosto dos meus pais. Tipo, eu não... Quero dizer, não me dou bem com eles... a ideia deles de compaixão paternal, é... você sabe... exagerada, sabe como?
Bender: Estranho?
Brian: Sim?
Bender: Você é o filho perfeito dos pais, certo?
Brian: E esse é o problema.
Bender: Olhe, eu sei que você fica todo chateado... porque eles fazem você vestir essas roupas... Mas, se liga, você é um neo-maxi-zoom-estranho. O que você faria se não estivesse lá fora tentando ser um cidadão melhor? (Clube dos Cinco, 1985).

A adolescência, de acordo com Aberastury (1999), é um período de desprendimento gradual dos pais, impulsionado pelo desenvolvimento biológico que capacita o adolescente a assumir papéis e responsabilidades semelhantes aos dos pais. Este momento marca uma transição para uma fase em que o adolescente se torna um potencial membro reprodutor da

sociedade. No entanto, essa nova liberdade traz consigo conflitos e confusões, especialmente relacionados à possibilidade que surgem à medida que o adolescente se torna consciente das novas dinâmicas familiares.

No terceiro ato do filme, os jovens finalmente começam a confrontar seus problemas. Enquanto estão fumando (vale ressaltar que a droga, assim como a música, atua como um agente de socialização, permitindo que os estudantes derrubem suas defesas e cultivem uma conexão mais próxima), as barreiras sociais gradualmente desaparecem, dando lugar a confusões e compartilhamentos dos segredos mais profundos: Allison revela ser uma mentirosa compulsiva que sofre em silêncio com a solidão e Andrew admite ter dificuldade em pensar por si mesmo, preferindo se encaixar no estereótipo do atleta. O caso mais sério é o de Bender, um rebelde vindo de uma família disfuncional, onde os maus-tratos são comuns (Cundari et al, 2012).

O diálogo da cena da roda, a mais importante do filme, mostra todos os temas centrais abordados por John Hughes durante o filme, para além disso, aqui é a virada de chave para que os cinco adolescentes possam ter a oportunidade de realmente se conhecerem:

Andrew: O que eu faria por um milhão de dólares? O mínimo possível.

Claire: É monótono.

Andrew: O que querem que eu diga?

Claire: Tem que pesquisar a mente em busca do limite absoluto. Como... seria capaz de ir nu para a escola?

Andrew: Teria que sair do carro?

Claire: Claro

Andrew: Na primavera ou inverno?

Claire: Primavera.

Andrew: Na frente ou atrás da escola?

Claire: Tanto faz.

Andrew: Sim.

Allison: Eu seria capaz. Faço qualquer coisa sexual. E sem um milhão de dólares.

Claire: Está mentindo.

Allison: Já o fiz. Já fiz quase tudo, exceto certas coisas ilegais. Sou uma ninfomaníaca. Claire: Mentira.

Brian: Teus pais sabem disso?

Allison: Só disse ao meu psiquiatra.

Andrew: E que foi que ele fez?

Allison: Me meteu em mim.

Claire: Muito simpático.

Allison: Não acho que do ponto de vista legal, ele tenha me violado pois eu paguei.

Claire: Ele é adulto!

Allison: E casado.

Claire: Não entende como isto é indecente?

Allison: As primeiras vezes...

Claire: Primeiras vezes?! Ele fez mais de do que uma vez?

Allison: Sim

Claire: É doída?

Brian: Ela transa com o psiquiatra.

Allison: Já fez alguma vez? (perguntando para Claire)

Claire: Nem sequer tenho um psiquiatra.

Allison: Mas já vez com alguma pessoa normal?

Claire: Já não falamos sobre isto?

Bender: Você nunca respondeu a pergunta.

Claire: Não falo da minha vida particular com desconhecidos.

Allison: É uma faca de dois gumes, não é?

Claire: O que?

Allison: Se disser que nunca fez, é uma puritana. Se disser que fez é uma sórdida. Não há saída. Querer, e não pode. E quando faz, deseja não ter feito.

Bender: Só responde a pergunta. (Todos fazem pressão para ela responder a pergunta). Claire: Nunca fiz!

Allison: Eu também não. Não sou uma ninfomaniaca, sou uma mentirosa compulsiva (Clube dos Cinco, 1985).

Na sequência dessa cena, há uma revelação interessante: todos os personagens compartilham uma sensação de estranheza, cada um com suas próprias peculiaridades. É Andrew o primeiro que revela sua peculiaridade ao contar por que foi colocado em detenção: ele usou fita adesiva para prender a bunda de um colega peludo.

Andrew não apenas descreve como cometeu o ato, mas também revela o que o motivou: a pressão de seu pai. Ele compartilha a expectativa que seu pai tem de que ele sempre vença, sem espaço para fracassos na família. Essa pressão o sufoca, especialmente porque ele não concorda com seus próprios atos e os vê de forma negativa. Ele questiona aos outros “como alguém poderia perdoar tal comportamento”.

Ainda durante a cena, Brian começa a revelar suas motivações e seu relacionamento com seus pais. Ele compartilha como também é pressionado pelas expectativas em relação às suas notas e desempenho. De repente, surge um questionamento, Brian se questiona como será a dinâmica entre eles após a detenção, quando voltarem ao “convívio social normal com seus grupos e colegas”:

Brian: Eu estava pensando, quero dizer, eu sei que é meio estranho, mas eu estava me perguntando, o que vai acontecer conosco na segunda-feira? Quando estivermos todos juntos novamente? Quero dizer, eu considero vocês meus amigos, não estou errado, estou? (Clube dos Cinco, 1985).

A pergunta é relevante: será que esses personagens agora podem superar suas diferenças? Claire sugere que as relações permanecem as mesmas, com cada um mantendo seus estereótipos e interagindo apenas com seus "iguais". Após uma discussão intensa, Claire expressa sua frustração, mencionando as expectativas que ela e Andrew enfrentam devido à sua popularidade, e como é difícil viver diante dessa "vida dupla". Isso desencadeia a raiva de Brian, que finalmente revela o motivo de sua punição: ele escondeu um sinalizador em seu armário, que explodiu. Ele confessa que não estava preparado para tirar uma nota baixa em uma matéria, e nem seus pais estavam. Essa pressão o levou a considerar o suicídio, explicando a presença da arma em seu armário.

Para encerrar a cena, Allison compartilha o motivo de sua detenção, aparentemente simples: "por nada". Não fica claro se ela está simplesmente cumprindo o papel de "caso perdido" ou se está buscando chamar a atenção de seus pais, o que também explicaria seu comportamento de pegar itens aleatórios durante o filme. Essa cena revela as motivações por trás de cada personagem estar na detenção e como suas relações com seus pais influenciam suas ações.

Na cena das confissões, a composição da camera desempenha um papel significativo na criação de vínculos entre os personagens, colocando o espectador no lugar de um membro integrante do círculo. Nessa cena, a câmera, de maneira subjetiva, nos coloca como participantes do filme, nos aproximando do grupo (Costa, 1987). A atmosfera de confidencialidade, com suas lágrimas e risos, valida as problemáticas juvenis como não apenas questões de vida ou morte, mas de sofrimento profundo. Não é por acaso que John Hughes tenha insistido para que nenhum dos atores sorrisse no cartaz de divulgação de Clube dos Cinco (Gora, 2010).

Para Mancelos (2018), a cena em que os adolescentes conversam entre si, resulta em "clímax e a catarse, ocorridos durante a conversa, no que se poderia definir como uma terapia de grupo, onde sexo, suicídio e família são discutidos sem prudências" (Mancelos, 2018, p.10). Mais do que partilharem as dores de crescimento e a crise de identidade, esses jovens descobrem que têm muito em comum na sua vida pessoal e familiar.

Esse ato em que os adolescentes conversam e desabafam na biblioteca da escola, significa que as semelhanças entre eles são implicitamente evidenciadas para o espectador, que compartilha dos mesmos dilemas, medos e anseios; as diferentes maneiras de ser são compartilhadas entre os cinco estudantes e, apesar de partirem de origens sociais e status distintos, conseguem se compreender e serem compreendidos pelo público. A escola se tornou um espaço onde estranhos se encontram (Bauman, 2000):

O que significa, então, dizer que o meio urbano é “civil” e, assim, propício à prática individual da civilidade? Significa, antes e acima de tudo, a disponibilidade de espaços que as pessoas possam compartilhar como *personae públicas* — sem serem instigadas, pressionadas ou induzidas a tirar as máscaras e “deixar-se ir”, “expressar-se”, confessar seus sentimentos íntimos e exibir seus pensamentos, sonhos e angústias (Bauman, 2000, p. 92).

Na clássica definição de Richard Sennett, uma cidade é um lugar onde estranhos têm a oportunidade de se encontrar. Em *Clube dos Cinco*, a cidade é representada pela escola, onde estranhos (os cinco adolescentes) tiveram a chance de se conhecerem. Isso implica que desconhecidos têm a oportunidade de se encontrar na sua condição de desconhecidos, partindo como desconhecidos do encontro casual que termina tão abruptamente quando começou (Bauman, 2000).

Na mesma perspectiva, Bauman (2000) argumenta que esse encontro entre os desconhecidos é “uma oportunidade única a ser consumada enquanto dure e no ato, sem adiamento e sem deixar questões inacabadas para outra ocasião” (Bauman, 2000, p. 91). A prática que resguarda as pessoas umas das outras, permitindo ainda sua convivência, é o cerne da civilidade, ser “desconhecido” possibilita uma interação social genuína, desvinculada das dinâmicas de poder, desconforto e emoções pessoais dos indivíduos que as utilizam. A civilidade visa preservar os outros de serem sobrecarregados com nossos fardos.

Como David Bowie afirma na epígrafe do filme, “essas crianças que você cuspiu enquanto tentam mudar seus mundos, estão imunes aos seus insultos. Eles estão bem conscientes do que estão passando” (Bowie, 1972). Os jovens estão plenamente conscientes do que estão enfrentando e são resistentes aos conselhos dos adultos. A juventude retratada nesta obra não só é submetida a uma rígida categorização na hierarquia escolar, que os divide com base em classe e comportamento (Ortner, 2002), mas também compartilha um consenso de negação em relação ao mundo adulto (Cundari et al, 2012).

Claire desejava ser um pouco mais livre e transgredir as regras, como Bender, e por isso aceita fumar um baseado; Allison queria impressionar Andrew e, para isso, permite que a rainha do baile a vista e maquie, transformando-se de patinho feio em cisne; Andrew ansiava por explorar seus sentimentos, ocultos por uma masculinidade exacerbada, e se rende à beleza de Allison. Esta é uma reviravolta singular, que transforma um sábado monótono em uma epifania, com implicações terapêuticas (Cundari et al, 2012).

A mensagem é clara: ao longo do dia, cada jovem percebeu que era rotulado como um estereótipo e, contra isso, procurou revelar sua singularidade. Durante a interação, entre risos e

lágrimas, brincadeiras e confissões, perceberam que cada um carrega um pouco dos outros dentro de si.

A redação que Brian escreve em nome de todos e deixa com o vice-diretor reflete a lição que os estudantes aprenderam juntos:

Caro Sr. Vernon, nós aceitamos o fato de termos sacrificado um sábado inteiro de detenção por qualquer coisa que tenhamos feito de errado. Mas achamos que é loucura da sua parte pedir uma redação dizendo quem somos. Você nos vê como quer nos ver... Noos termos mais simples, nas definições mais convenientes. Mas o que descobrimos é que cada um de nós é um cérebro... e um atleta... e um caso perdido... uma princesa... e um criminoso... Isso responde à sua pergunta? Atenciosamente, o Clube dos Cinco (Clube dos Cinco, 1985).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Clube dos Cinco oferece uma representação honesta, embora dolorosa, da juventude dos anos 80. O filme aborda questões como conflitos entre gerações, busca por identidade e dificuldades do amadurecimento, além da pressão por sucesso em uma sociedade que valoriza a resiliência e os resultados do indivíduo. No entanto, o filme também destaca a amizade entre adolescentes que compartilham os mesmos dilemas internos, embora com suas peculiaridades e diferenças, em um momento significativo da adolescência.

O diretor John Hughes demonstrou uma compreensão profunda das lutas enfrentadas pelos jovens da época, indo além das definições impostas por pais e professores. A atuação excepcional do elenco conhecido como "brat pack" e a abordagem honesta de temas delicados contribuíram para o sucesso do filme. Sua influência duradoura pode ser atribuída à habilidade de Hughes em capturar as angústias e desafios do crescimento adolescente, tornando-o um clássico que inspirou várias produções subsequentes e estabelecendo um padrão para filmes juvenis de sucesso.

A análise dos elementos destacados no filme Clube dos Cinco contribui para a compreensão do processo de inserção social representado nos roteiros. Oferecem narrativas detalhadas que exploram os desafios enfrentados pelos jovens em sua busca por identidade e aceitação em diferentes contextos sociais. Eles fornecem representações vívidas de espaços urbanos e pessoais, nos quais os personagens interagem e enfrentam conflitos que refletem as dinâmicas sociais mais amplas. Assim, esses filmes não apenas retratam as experiências

individuais dos protagonistas, mas também oferecem insights sobre as complexidades do processo de inserção social e a construção de identidade em meio a pressões externas e expectativas sociais.

Esse trabalho proporcionou uma compreensão mais aprofundada dos processos envolvidos na manifestação dos traumas na formação do indivíduo, na adolescência e como esses possíveis rumos afetam o desenvolvimento interno de cada um dos cinco adolescentes. Além disso, a repetição de certos elementos dentro das obras de ficção contribui para a formação de identidades diferenciadas, uma vez que, inseridos em contextos diversos, podem resultar em processos significativos distintos.

Essa pesquisa enriqueceu a compreensão dos conceitos relacionados à construção da identidade e continuará a ser explorada, possivelmente através de estudos sobre as questões sociais relacionadas ao indivíduo moderno. As limitações e questões em aberto levantadas por este estudo servem como ponto de partida para futuras investigações mais aprofundadas.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BITTENCOURT, Rafaela Fernandes. **Cidadão Ken e o hibridismo na identidade do homem contemporâneo representado em Tokyo Ghoul**. 2018. 62 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo), Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2018.

CARUSO, Octavio, “**Curtindo a Vida Adoidado**”, de **John Hughes**. Devo Tudo ao Cinema, 2013. Disponível em: <https://www.devotudoaoocinema.com.br/2013/08/cine-bueller-john-hughes-e-curtindo.html>. Acesso em 05/06/2024

CLUBE dos Cinco. Direção: John Hughes. Estados Unidos: Universal Pictures, 1985. DVD.

COSTA, Antonio. **Comprender o cinema**. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

CUNDARI, César; Ruggi, Lennita Oliveira; Francisco, Marcelo. **Escola dos anos 80: John Hughes e a romantização capitalista da adolescência**. 2012. 14 f. Congresso (Trabalho apresentado no GP de Cinema, XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação), Intercom, Fortaleza, 2012.

DA ROCHA SANTOS, César O. Cundari. **Sessão da Tarde: O Clube dos Cinco e seu lugar histórico na cinematografia**. 2004. 49 f. Monografia (Apresentada à disciplina de Estágio Supervisionado em Pesquisa Histórica), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

GORA, Susannah. **You couldn't ignore me if you tried: The Brat Pack, John Hughes, and their impact on a generation**. New York: Three Rivers Press, 2010.

GUIMARÃES, Mariana Montejano; EHRENBERG, Karla Caldas. **Black Mirror: Uma Análise Do Episódio Nosedive Sob a Ótica Dos Estudos Culturais Britânicos**. In: *Iniciacom*, v. 9, n. 2, 2020.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JELIEL, Iann, **Gatinhas e Gatões. Plano Crítico**, 2021. Disponível em:
<https://www.planocritico.com/critica-gatinhas-e-gatoes/>. Acesso em: 04/06/2024

LIPOVETSKY, Gilles; Serroy, Jean. **A Tela Global: Mídias Culturais e Cinema na era hipermoderna**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

Mancelos, João de, Cinco formas de ser jovem para sempre em *The Breakfast Club*, de John Hughes. In C. M. Mora & P. A. Pereira (eds.), **Novas andanças do Ícaro**. Porto: Edições Afrontamento, 2018, pp. 205-217.

ORNELAS, Handerson, Clube Dos Cinco. **Plano Crítico**, 2015. Disponível em:
<https://www.planocritico.com/critica-o-clube-dos-cinco/>. Acesso em: 04/06/2024

ORTNER, Sherry. **'Burned like a tattoo': high school social categories and American culture**. *Ethnography*. Sage Publications, London/Thousand Oaks/New Delhi, 2002 / 3, p. 115- 148.

PICCININI, Thiago Badia. **John Hughes e a representação da realidade adolescente no cinema dos anos 80**. 2013. 68 f. Monografia (Graduação em Cinema e Audiovisual), Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2013.